

Fototaxia, em busca do elo perdido

Por Miguel Chikaoka

Fototaxia. s. f. – movimento de atração e repulsão das células livres e microrganismos, em que a luz é o fator diretivo. (Aulete)

Introdução

Ao introduzir esta breve fala, devo alertar que ela se inspira mais nos estranhamentos que provocaram atravessamentos e descobertas no curso da minha vida do que em fundamentos acadêmicos constituídos a partir do estudo apurado de uma determinada disciplina. Não se trata, em absoluto, de desprezá-los, pois, mesmo de forma empírica, aproprio-me da essência do conhecimento que emana das instituições de ensino e de pesquisa. Trata-se, neste caso, de um exercício de “cartografar” as origens das minhas reflexões e questionamentos para situar as questões que coloco em discussão.

Isso posto, passo a apresentar e tecer comentários sobre alguns ingredientes que alimentam o meu processo com a luz.

Mottainai

Nascido no seio de uma comunidade de imigrantes japoneses assentados na região do Vale do Ribeira (SP), cresci ouvindo diariamente a expressão *Mottainai*, cuja tradução literal seria “que desperdício!”. Ressoando como um mantra ao longo de toda a minha infância e adolescência, essa expressão ficou guardada como uma semente na minha memória e, nos tempos mais recentes, eclodiu com a força dos significados norteadores do caminho que venho trabalhando. Utilizada cotidianamente pelos japoneses em situações e contextos dos mais diversos, essa expressão guarda em si um significado muito profundo: *Mottai* é um termo que tem origem budista e refere-se à essência das coisas e *Nai* exprime uma negação. Portanto, em seu sentido mais profundo, *Mottainai* quer dizer a negação ou o desprezo de laços com a essência das coisas, sejam estas de ordem material, espiritual ou emocional.

Mais do que uma expressão solta, *Mottainai* carrega consigo uma filosofia que induz à reflexão sobre questões de desperdício e sugere que os objetos não existem isoladamente, mas estão intrinsecamente ligados uns aos outros, o que pode resultar em uma revisão do modo como nos relacionamos com tudo que povoa o universo.

Fotografia

No final dos anos 1970, período em que cursava o doutorado em Engenharia Elétrica em Nancy, França, descobri na fotografia uma via para exercitar e dar vazão às minhas angústias e inquietações. Sentimentos esses que brotavam dos questionamentos que assimilei no seio da família, sobretudo aqueles que tratavam do papel do ser humano no mundo. Entre concluir os estudos e seguir como profissional da engenharia ou enveredar-me pelo desconhecido, optei pela fotografia. E assim, retornando ao Brasil, fui morar em Belém do Pará, onde comecei a atuar como fotógrafo independente. Em meio ao envolvimento com os movimentos políticos e culturais, recebi o convite de um coletivo de arte-educadores para ministrar um curso de iniciação à fotografia. Desenhei um roteiro de atividades visando, por um lado, facilitar o entendimento do processo fotográfico a partir do reconhecimento da luz como matriz da imagem e, por outro, provocar o exercício do olhar enquanto expressão do nosso estado de ser, do sentir e do pensar. Essa experiência foi o lugar de partida para o que venho trabalhando até hoje.

Pinhole e fotogramas

Em 1983, a pesquisadora e educadora Regina Alvarez esteve em Belém ministrando a oficina “Fotografia sem câmera”, na qual apresentou a técnica da fotografia pinhole e dos fotogramas. Não participei diretamente da oficina, mas tive o privilégio de conhecê-la e trocar algumas ideias sobre o potencial educativo dos fazeres que nos aproximam sensorialmente da origem do processo fotográfico. A partir desse momento, as práticas com o fotograma, a construção e uso de câmeras pinhole passaram a integrar o roteiro de atividades de minhas oficinas.

Vi-vendo as imagens

Na IV Semana Nacional de Fotografia realizada em Belém, pelo Instituto Nacional da Fotografia, em 1984, tive a oportunidade de trabalhar com Rino Marconi (BA) e Cláudio Feijó (SP), em uma oficina intitulada “Vivendo as imagens”. A construção do percurso e o compartilhamento de reflexões com os participantes foram determinantes para ampliar a minha relação com a imagem para além da experiência do olhar.

Ainda em 1984, durante o Seminário Nacional de Ensino de Fotografia no Brasil – promovido pelo Departamento de Mídias do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas e pelo Instituto Nacional da Fotografia da Funarte, Campinas, SP –, reencontrei Rino Marconi que nos brindou com a construção de uma câmera obscura utilizando uma caixa de papelão. Até então, meu conhecimento sobre a formação da imagem era baseado no estudo da física e da experiência de captura com a câmera pinhole. Enfiar a cabeça numa caixa de papelão e ver a imagem projetada através de um furinho foi incrível. Logo incorporei mais esse “momento pré-fotográfico” nas atividades das oficinas como meio de instigar o entendimento da gênese do processo fotográfico.

Mãos para

Ao pensar nos possíveis desdobramento dessas vivências, senti que seria interessante integrar ao percurso uma atividade mobilizadora do corpo e dos sentidos. Inspirado no Origami (arte da dobradura de papel), propus a construção de uma câmera obscura a partir de uma folha de papel cartão utilizando apenas as mãos como ferramenta. O envolvimento, a valorização do corpo, a harmonia do processo, a autoestima, a precisão geométrica e o perfeito funcionamento do dispositivo foram alguns dos itens notados que abriram novas possibilidades de diálogos transversais. Seguindo essa linha exploratória e ciente de que qualquer coisa tem origens, uma história e um caminho até chegar às nossas mãos, achei importante introduzir uma etapa de reconhecimento físico dos materiais, bem como a busca de informações sobre as origens históricas e técnicas, seguida de um desafio para elaborar e executar uma idéia com o uso desses materiais.

O Silêncio

Outra experiência marcante foi com a comunicação não-verbal. Em 2007, durante o Encontro de Inclusão Visual do FotoRio, tive a oportunidade de trabalhar numa roda constituída por ouvintes e não-ouvintes. Sem conhecimento da linguagem dos sinais, conduzi a construção de um dispositivo óptico explicando verbalmente cada passo, com o cuidado de mostrar o movimento das minhas mãos de forma mais contundente. O que mais surpreendeu nessa experiência foi a rapidez e a precisão dos não-ouvintes em executar os passos, enquanto muitos ouvintes pediam para repetir a explicação sobre cada etapa e movimento demonstrados.

Intrigado, resolvi, conduzir em silêncio as atividades manuais, com grupos de ouvintes, servindo-me apenas de movimentos corporais. Foi a oportunidade de integrar silêncio e o deslocamento da atenção para o fluxo de informações através do som para a luz, dos ouvidos para os olhos. Sem alardes, com mais eficiência e precisão.

A Luz

Vida, alegria, sabedoria, clareza, conhecimento, direção, energia, sol, onda, cores, estrela, dualidade, alimento, amizade, insight, calor, força, vibração, infância, descoberta, inspiração, ideia...

Essa lista é um exemplo do que resulta de um exercício no qual as pessoas são desafiadas a elencar, em um intervalo de tempo, uma lista de palavras a partir de perguntas como: *qual o significado da luz? o que ela representa? o que ela simboliza?*

Desde a primeira vez que propus esse exercício, ainda no intuito de provocar a percepção da luz no processo fotográfico, fiquei impressionado com a amplitude de temas que poderiam ser abordados a partir de uma simples lista de significados. Provocar esses atravessamentos

coletivamente, discutindo ou desdobrando-os em atividades, é um desaguar em um mar de possibilidades sem fim.

Se passamos essa lista por um filtro para ficar só no plano físico da luz, ainda assim, somos levados a *sair do chão* para pensar em ordens de grandeza física que nos situam no mundo.

Por exemplo, fico deveras impressionado ao pensar que o nosso sistema de percepção visual tem a capacidade de captar e identificar sinais luminosos, cujo comprimento de onda é da ordem de alguns milionésimos de milímetro, que oscilam a uma frequência em torno de uma centena de trilhões por segundo. Isso quer dizer, mais precisamente, que posso identificar como vermelho um estímulo (raio de luz) cujo comprimento de onda mede 0,0007 milímetros e impacta minha retina 460 trilhões de vezes por segundo!

Mas quando *volto à realidade* e penso na velocidade de deslocamento da luz no plano terrestre, aproximadamente 300.000Km/s, sinto-me transportado para uma outra dimensão, pois isso quer dizer que, *viajando com a luz*, posso dar uma volta inteira no planeta em menos 1,5 décimo de segundo, ou 7 voltas em 1 segundo.

Essa sensação de instantaneidade se anula quando penso o lugar das estrelas que posso ver a olho nu. A Próxima Centauri, por exemplo, está a *apenas* 4,2 anos luz. Calculando o que representa isso em termos métricos, temos uma distância de quase 40 trilhões de quilômetros. Se teimasse em chegar por lá, com uma nave a uma velocidade de 1000 km/h, aterrissaria nessa estrela dentro de 4,5 milhões de anos.

Mesmo sem *sair do chão*, a experiência com o tempo através da luz é algo impressionante. Uma estrela como Antares, centenas de vezes maior do que o sol, encontra-se a 600 anos luz da terra. Isso quer dizer que estamos vendo hoje é, na verdade, a Antares de uma época bem remota, antes da descoberta do Brasil. Essa experiência do tempo-espaço com a luz e a sensação de estar no presente e no passado é bastante estranho.

Por isso, vejo no ato de contemplar a paisagem celestial e observar os milhares de pontos luminosos um momento para o exercício de leitura e de reflexão que nos ajuda a atingir uma consciência cósmica.

Para concluir esta rápida *viagem* com a luz, vamos *visitar* um lugar que considero de uma potência mágica e reveladora: o minúsculo orifício de uma câmera obscura pinhole, por onde os raios da luz, refletida por uma cena iluminada e que se encontra em frente à câmara, passam para dentro e projetam-se no seu interior formando uma imagem invertida e perfeita dessa cena. Como é possível cruzar, simultaneamente, milhares de raios por um orifício milimétrico portando tantas informações ?

A experiência desse lugar não revela esse mistério, mas prova que a trajetória dos raios de luz é retilínea e que, quando elas se cruzam no lugar do orifício, não ocorrem interferências de forma que seguem independentemente, cada um a sua trajetória. Mesmo sabendo que a ciência explica esse fenômeno, constatá-lo dessa forma é inspirador.

Que desperdício!

Pensando no que expus nesta breve fala, busco identificar o que constitui a essência dos processos que venho experimentando e, em uma análise panorâmica, percebo que sigo uma tendência transversal e rizomática na abordagem do conhecimento que emana do contato com as coisas, onde e como elas se apresentam. Nessa construção, os pontos de contato não se fecham e podem se afetar mutuamente, criando uma teia em constante evolução.

Deduzo então que, o que me move nesse processo é, essencialmente, o desejo de provocar o entendimento a partir do exercício de perceber a essência das coisas, sejam elas de ordem material, espiritual ou sentimental. Entendimento esse que nos leve à consciência do que estamos desprezando e desperdiçando. Acredito que o encontro com a essência que nos enlaça é o antídoto contra o desperdício.

É com esse pensamento e as experiências acumuladas que vislumbro no contato com a potência da luz, tanto física quanto simbolicamente, uma gama imensa de possibilidades de exercitar a construção de caminhos provocadores desses encontros.